

Proponente: Daniela Ribeiro Schneider

Área da Psicologia: Saúde Mental

## USO DE DROGAS E FENOMENOLOGIA: PESQUISAS E INTERVENÇÕES

Justificativa: O uso de drogas é hodiernamente um dos mais graves problemas de saúde pública do mundo, sendo que as características do seu consumo modificaram-se significativamente nas últimas décadas, agravando a situação do uso abusivo e dependente e suas consequências. Sendo assim, representa um dos paradoxos da contemporaneidade, pois, por um lado, espelha os rumos da sociedade de consumo e seus valores de instantaneidade e volubilidade e, ao mesmo tempo, mostra seus limites e fragilidades. Em muitas intervenções nesta área há uma tendência a uma visão reducionista do problema, ora centrado na droga em si, ora culpabilizando o usuário, outras vezes reduzindo aos condicionantes sociais. Uma abordagem do uso de drogas deve buscar abordar a complexidade envolvida neste fenômeno, tendo com objetivo desvelar o sentido deste uso, tanto para os sujeitos quanto para a sociedade. Nesta direção, o método fenomenológico constitui excelente ferramenta de pesquisa e compreensão do significado da situação singular/universal envolvida nas drogodependências, na medida em que sua abordagem eminentemente relacional implica a compreensão do fenômeno em sua dialética entre a dimensão subjetiva e o mundo objetivo ou contextual em que estão inseridos os vários aspectos que envolvem o uso e abuso de álcool e outras drogas. O primeiro trabalho discutirá uma pesquisa sobre histórias de vida de dez sujeitos com longas trajetórias no uso de drogas, utilizando a psicologia fenomenológica-existencialista de Jean-Paul Sartre para a compreensão dos conteúdos descritos nas entrevistas em profundidade. O segundo trabalho, com base na fenomenologia de Eugène Minkowski e Françoise Minkowska, discutirá um estudo que aplicou algumas avaliações psicológicas, entre elas o método Rorschach, com usuários de álcool, buscando desvelar o significado da realidade vivida por estes pacientes. A terceira discutirá práticas em prevenção de drogas, a partir de pesquisas que abordam a baixa efetividade de modelos de prevenção, principalmente os de caráter proibicionista, indicando novas possibilidades de atuação na área com a perspectiva da redução de danos e a fenomenologia de Heidegger. Através dos estudos acima descritos, a mesa-redonda discutirá diferentes abordagens da fenomenologia para a compreensão do uso de álcool e outras drogas, contribuindo, assim, para formulação de novas estratégias de intervenção em prevenção e tratamento, bem como para a formulação de políticas sobre o tema.

Palavras-Chaves: Álcool e outras drogas, Fenomenologia, Existencialismo, Pesquisa qualitativa

PSICOLOGIA SEM FRONTEIRAS - Saúde Mental

Coordenador: Daniela Ribeiro Schneider

**HISTÓRIAS DE VIDA QUE PASSAM PELO USO DE DROGAS: COMPREENSÃO EXISTENCIALISTA.** *Daniela Ribeiro Schneider* (Núcleo de Pesquisas em Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina); *Fabiani Cabral Lima\*\** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina); *Flávia Trento Rost\*\** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa

Catarina); Larissa Antunes\*\* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina).

### **Introdução**

A pesquisa aqui relatada teve como objetivo, a partir da descrição de histórias de vidas envolvidas com o uso de drogas, verificar os aspectos subjetivos e contextuais que interferiram para a entrada no mundo das drogas e para a constituição da dependência de sujeitos com longa história de uso de substâncias psicoativas. A partir das experiências concretas dos sujeitos pesquisados buscou-se verificar os aspectos comuns em suas histórias, a fim de contribuir para a compreensão dessa problemática, com base em uma perspectiva qualitativa, sustentada no método fenomenológico e na psicologia existencialista.

Segundo Sartre (1960), a compreensão da realidade humana deve ser dialética, ou seja, faz-se necessário compreender o homem como um “produto de seu produto, modelado pelo seu trabalho e pelas condições sociais da produção, ele existe ao mesmo tempo no meio de seus produtos e fornece a substância dos 'coletivos' que o corroem” (Sartre, 1960: 56). Sendo assim, o projeto de ser do sujeito se forja no embate entre as condições materiais, sociais, familiares em que ele está inscrito (objetividade) e a apropriação ativa destas condições por parte do sujeito (subjetividade). A compreensão de cada ação, escolha empírica, comportamento humano, como é o caso do uso de drogas e sua adição, passa, portanto, pela análise do movimento dialético entre o objetivo e o subjetivo.

É o que Sartre vai chamar de método progressivo-regressivo: a compreensão deve partir da situação singular para esclarecer a universal e, ao mesmo tempo, investigar a situação universal para esclarecer a singular. “O método existencialista não terá, assim, outro meio senão o vaivém: determinará progressivamente a biografia aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia” (Sartre, 1960: 87).

A compreensão do mundo das drogas passa, segundo a antropologia de base fenomenológica, pela “observação das redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como pelo conjunto de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade” (Velho, 2003: 84). Dessa forma, os projetos individuais interagem com outros projetos dentro de um campo de possibilidades, construindo-se nesta relação entre a dimensão antropológica macrosocial (contexto cultural) e sociológica microssocial (contexto da rede de mediações sociais específicas do sujeito). “O consumo de drogas é uma forma de expressão e percepção de si mesmo, numa relação que inclui os outros e o ambiente em que se vive” (Rigotto & Gomes, 2002: p. 95).

Sendo assim, as biografias, que se consolidam através de trajetórias pessoais e ações complexas no meio social, são parte constitutiva da organização social. É tarefa da pesquisa em ciências sociais, portanto, procurar compreender como “a gramática social e cultural que se expressa ao nível biográfico” (Velho, 2002: 56).

A psicologia narrativa, ao pretender fazer uma compreensão da existência humana, é uma psicologia da significação. A construção de significados por parte do sujeito está ligada aos seus contextos sociais e culturais, e são construídos na relação entre os sujeitos e seu meio (Fonte, 2006). Além disso, a pesquisa fenomenológica se encaminha na perspectiva da vivência concreta dos sujeitos e enfatiza a dimensão dos significados atribuídos pelos indivíduos. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador (Dutra, 2002).

Sendo assim, através do recurso metodológico das narrativas, ou seja, do estudo de “histórias de vida”, buscar-se-á compreender a complexidade da situação contemporânea

do uso de drogas e de sua dependência, bem como suas repercussões em situações singulares de vida.

### **Metodologia:**

A pesquisa teve um delineamento descritivo, baseado em estudo exploratório, tendo-se utilizado o método de “estudo de caso”.

Para atingir os objetivos propostos foi utilizada entrevista em profundidade, com roteiro semi-estruturado, visando à verificação da história de vida em torno do uso e da constituição da dependência de drogas dos sujeitos pesquisados. Utilizou-se o método progressivo-regressivo de Sartre (1960) como orientação das entrevistas.

Na organização dos dados utilizou-se a análise de conteúdo baseada em Ruiz-Olubeuénaga (1999), segundo a qual o texto (a transcrição das entrevistas realizadas) sempre implica em um contexto, ou seja, em um conjunto de sentidos, significados, racionalidades subjacentes ao discurso dos usuários entrevistados e que tem seus desdobramentos na compreensão pessoal da própria trajetória no uso e dependência de drogas e na relação com os diferentes tratamentos a que se submeteu.

As categorias passaram por uma verificação no sentido de serem claras, significativas, exaustivas e mutuamente excludentes, o que resultou na categorização final a ser analisada, com 22 categorias, sendo 9 referentes ao histórico de uso de drogas, 6 referentes ao histórico dos tratamentos e 7 referentes à situação atual dos entrevistados.

A discussão dos dados foi realizada com base na psicologia existencialista de Jean-Paul Sartre.

### *Participantes:*

Foram sujeitos da pesquisa dez pessoas com trajetórias longas de uso de drogas. Estes sujeitos tinham passado por um ou mais tipos de tratamento da dependência de substâncias psicoativas. A seleção da amostra foi feita através da indicação das equipes técnicas das instituições participantes de uma pesquisa anterior realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Psicologia Clínica – PSICLIN/UFSC. Também se utilizou a metodologia “bola de neve”, na qual um usuário já contatado pela equipe indicava pares que poderiam ter disponibilidade de participar da pesquisa. Utilizou-se os seguintes critérios de seleção: ter pelo menos 10 anos de uso de drogas, ter passado por ao menos um tipo de tratamento para drogadição na grande Florianópolis e ter sido diagnosticado como dependente de drogas pelos critérios do DSM IV.

### *Ética*

Essa pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos exigidos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, processo nº 065/05, como parte de um projeto maior intitulado "Avaliação de Serviços de Atenção à Dependência de Substâncias Psicoativas a partir do ponto de vista dos usuários".

### **Resultados:**

#### *Perfil do usuário*

Fizeram parte da pesquisa dez sujeitos, todos do sexo masculino, com idade variante entre 31 e 53 anos. Em termos de escolaridade cinco tinham nível superior incompleto, quatro tinham ensino médio e um, ensino fundamental.

Em termos das drogas de preferência, três usavam somente o álcool, dois usavam o tripé álcool/maconha/cocaína e cinco fizeram uso abusivo de múltiplas drogas. A droga que mais causou dependência, além do álcool (que foi utilizado abusivamente por todos),

foi a cocaína. A média de uso inicial do álcool foi aos 12,2 anos e de uso regular os 19,9 anos, sendo que um teve início do uso aos 9 anos e outro aos 10 anos. A média do uso inicial de drogas ilícitas (para os sete que as utilizaram) foi de 14 anos.

Sete dos entrevistados estavam sem fazer uso abusivo e dependente de substâncias psicoativas no momento da pesquisa. Entre estes, quatro estavam há mais de 10 anos, um há mais de 5 anos e dois estavam há mais de 2 anos sem fazer uso abusivo de drogas. Três sujeitos, no entanto, ainda utilizavam drogas de forma abusiva, principalmente o álcool.

Neste trabalho vamos destacar somente duas das categorias referentes ao histórico de uso de drogas por parte dos entrevistados, que serão discutidas à luz da teoria existencialista:

### 1) *Formação do cogito*

O *cogito* no existencialismo sartriano é a forma como o sujeito compreende a si mesmo, forja sua *certeza de ser* e está na base de sua forma de se lançar no mundo. “O cogito (...) é unicamente, do ponto de vista metodológico, o momento da compreensão, porque a compreensão é, ao mesmo tempo, consciência de si como compreensão” (Sartre, 1987: p. 87). A experimentação concreta que o sujeito tem das ocorrências de sua história, leva-o a sua temporalização psíquica e acaba por estabelecer-lhe o cogito psicológico, pois ele se experimenta na dinâmica temporal entre passado/presente/futuro e nela se reconhece enquanto sujeito.

Na pesquisa seis dos entrevistados descrevem sua entrada no mundo das drogas a partir de certas experiências em que desde cedo encaravam o proibido como um desafio, sabiam-se sendo diferentes, não se adaptavam às normas e regras do sistema social. Desejavam fazer as coisas de maneira diferente, não queria uma vida conformada (casar, ter filhos, ter horários, etc). Dentre estes, dois referiram que quando pequenos foram expulsos da escola por mau comportamento, o que os levou a intuir-se como que “destinados” ao lado “underground” da vida.

*O proibido era um desafio. Assim é: o impossível eu faço na hora, o milagre daí demora mais um pouquinho, mas rola também. Pra mim o desafio sempre marcou muito. Ainda é assim, só que hoje os valores são outros (Sujeito 1).*

*Mas eu gostava sempre de fazer o contrário, né? Não era aquela pessoa que sentava na primeira fila, sempre fui de sentar lá atrás. Aí tinha um grupo e algo surgia: “Ah, vou nessa!” Sabe? “Vou também!” (Sujeito 4).*

A entrada para o mundo das drogas representou, para os referidos sujeitos, uma forma de demarcar suas *certezas* de serem *rebeldes, ousados, contestadores*, ou de assumirem certa liderança no grupo de amigos. Como afirma Rigotto e Gomes (2002), o uso de droga, enquanto tal, é um ato comunicativo e requer o reconhecimento da ambigüidade na constituição de sentidos. Sendo assim, essa certeza foi vivida por eles como se fora um *destino*, como se fossem arrastados para ela, por sua história, sem conseguir compreender o conjunto de determinantes psicossociais que estavam em torno da construção destas *certezas* ou do seu cogito, isto porque, pelos relatos, verifica-se a presença de certas circunstâncias familiares comuns à história de quase todos os entrevistados: uso abusivo de álcool e outras drogas pelos progenitores, alcoolismo paterno ou em parentes próximos, problemas de violência intrafamiliar, excesso de autoritarismo em casa. Também relataram circunstâncias sociais comuns: amigos envolvidos com drogas, pressão dos pares para inclusão no grupo, entre outros. Mas estes fatores são desconsiderados por eles como possíveis determinantes para a adoção de atitudes de rebeldia e contestação. Compreendem a si mesmos como que *destinados à contestação*, como se fosse de “sua natureza”. Não compreendem que o que estava em questão neste jogo dialético entre o contexto



sociológico e antropológico onde se encontravam e a sua vivência subjetiva, era, no fundo, o seu futuro e o seu projeto de ser. Quem eles seriam? Quem resultaria como sujeitos nesse embate entre circunstâncias objetivas e possibilidades de ser?

Daí o sentido do uso abusivo de drogas, como veículo de sua expressão de sua elaboração de sua história, de suas certezas e compreensão de si. “*O uso de drogas fazia eu me sentir mais vivo, fazia me sentir alguém mais forte, podia enfrentar tudo* (sujeito 9)”. Sendo assim, o motivo do uso de drogas está relacionado aos efeitos da drogas na percepção de si mesmo como pessoa (Wiklund, 2008).

Assim, a grande maioria dos entrevistados experimentou-se como que determinada pelas circunstâncias da sua vida, entre elas as “*drogas*”. É como se as forças virtuais do passado fossem as que forjassem o seu ser, definissem suas atitudes, emoções e pensamentos e fizessem seu futuro e seu cogito pessoal (Schneider, 2011). Pode-se considerar este movimento como uma temporalização aparente, pois, na realidade a temporalização, segundo Sartre (1943) se dá sempre do futuro para o passado. No entanto, o sujeito concreto, absorvido em suas experiências psicossociais cotidianas, tem a certeza de ser determinado pelo passado, da mesma forma como ocorre com um observador leigo, que ao olhar para o movimento no céu percebe como se o sol girasse ao redor da terra. Não é um engano dos sentidos, nem um equívoco, mas sim uma condição de constatação do fenômeno tomada a partir dos elementos empíricos, sem que consiga produzir um distanciamento, uma abstração da situação (Bertolino, 2005), portanto, sem levar em consideração o conjunto de fatores familiares, sociais, culturais e pessoais que ali estão atuando, ou seja, sem uma reflexão purificadora (Sartre, 1965). Daí a certeza do sujeito de ser determinado pelo passado, sem que tenha condições de verificar que, na realidade, essas situações passadas ganham força em função de sua correlação *noemática* com acontecimentos futuros, que levam à afetação do sujeito (Schneider, 2011).

Desta forma, tem-se que esclarecer com o usuário a função do uso de drogas, que se produz nesta relação entre as condições objetivas vividas em sua história e o campo de possibilidades de ser futuro que se impõe para ele e o faz intuir-se como que *determinado* a certo tipo de comportamento aditivo.

## 2) *Consequências do uso de drogas para o projeto e desejo de ser*

Como vimos, o sentido da existência de um sujeito é dado pelas suas possibilidades de ser futuras. O *projeto* caracteriza-se justamente pela busca do sujeito realizar seu ser, ir em direção a estas possibilidades. Não existe indivíduo sem projeto. Mesmo não ter projeto é ainda um projeto, ou seja, um modo de lançar-se em direção ao futuro, mesmo que não tenha clareza de qual se quer. Em cada posicionamento, em cada comportamento do sujeito existe uma significação que o transcende (Sartre, 1943). Sendo assim, a escolha pela droga é uma forma de expressar a forma de se lançar para suas possibilidades, ou ainda, uma forma de lidar com a certeza de impossibilidades futuras.

A droga, por seus efeitos, traz a promessa e a experiência de “sentir-se melhor”, de fornecer “armas” para enfrentar as dificuldades cotidianas. Dessa forma, a dependência se sustenta nessa promessa, que se sabe ser *falsa*, pelo preço que a droga cobra posteriormente. No entanto, a dependência, faz com que “o cuidado consigo mesmo fique limitado a esta única forma de promoção de um viver melhor” (Sipahi & Vianna, 2001: p. 504). A relação compulsiva com o uso de drogas constituiu-se, assim, como que uma saída inventada em um momento de desespero (Sartre, 2002). Com isso, o uso dependente, onde a vida do sujeito passa a girar em torno do uso da droga, na qual ele experimenta-se levado pelo seu *destino*, marca a perda do movimento dialético em direção a este futuro.

*Estava no desespero por que não via futuro nenhum. Você só se lembra das coisas erradas que tinha feito, eu não tinha nenhuma perspectiva (Sujeito 2).*

Sendo assim, durante a trajetória do uso, oito participantes relataram rupturas em seu projeto de ser, o que foi identificado em consequência da perda de prazer pelas coisas antes significativas, do abandono de atividades rotineiras, perda de valores, perda do discernimento em relação a dinheiro, família, emprego. Com isso, “(...) *chegou um momento em que não me importavam mais com nada*” (sujeito 7) e, assim, o conseqüente desprezo por si mesmo e a baixa da auto-estima. Muitos tinham a certeza de que não tinham mais um lugar para si no mundo, havendo restrição no ciclo de relacionamentos.

*Não tava nem aí, eu sabia que todo mundo sabia, eu cheirava dentro do camarim, eu cheirava em qualquer lugar, cheirava antes de subir no palco, comecei a fazer a coisa bem descontrolada mesmo. Fui perdendo tudo que tinha valor para mim. Até o momento em que eu tive de pedir as contas e renunciei ao meu sucesso e a minha vida (Sujeito 3).*

*Continuava vivendo num mundo de ilusão, do passado. Simplesmente o álcool na minha vida me tirou do sério, ou seja, vivia num outro mundo que não cabia mais ninguém. Num mundo de tristeza, num mundo de muita dor, a palavra mais certa é, assim, num desprezo total por mim mesmo. No meu caso, foi isso que o álcool fez comigo, todos os meus valores foram embora (Sujeito 2).*

Nas narrativas pudemos verificar que maioria dos sujeitos, após seu envolvimento com as drogas, perdeu a perspectiva de futuro, fato que gerou um enorme desespero nos mesmos e os fazia, cada vez, consumirem mais droga para aliviar o sofrimento. Geralmente a dependência da droga, que domina o ser da pessoa, vai implica na ruptura com o projeto originário. O uso repetitivo altera a relação do usuário com a temporalidade, aliviando a necessidade de cuidar de seu futuro. Sem ter que cuidar do seu devir, o dependente encontra possibilidade de alívio em algo já dado de antemão, ou seja, no prazer imediato proporcionado pela droga, ficando preso nesta experiência de um presente sem fim (Sipahi & Vianna, 2001).

Eis o paradoxo: o sujeito entra no uso abusivo da droga para tentar, de alguma forma, lidar com suas dificuldades e viabilizar seu ser, seu projeto, mas o faz por vias que o submetem a uma passividade existencial, pois ao usar substâncias cujos efeitos são alterar os estados de consciência e nas quais, em sua grande maioria, fica jogado na espontaneidade e perde sua posição de sujeito, perde o “mando” de seu projeto.

Sendo assim, o tratamento com adictos deve resgatar o projeto de ser que, geralmente, é abandonado durante o uso das drogas. Para tanto, faz-se necessário retomar o círculo de mediações familiares e sociais que ajudaram a constituir o projeto original rompido.

### **Considerações finais**

A partir dos dados obtidos através das entrevistas é possível delinear algumas das variáveis constituintes do fenômeno da drogadição. verifica-se que este fenômeno não se dá em decorrência de uma determinante única, mas ocorre pelo entrelaçamento de vários fatores que culminam no uso e dependência de drogas. Assim, o ambiente familiar conturbado, o uso de drogas pelos pais, o convívio em ambientes de festas e amizades onde a droga está presente, situações emocionais de felicidade extrema ou de fracasso são alguns destes fatores que influenciaram na trajetória de uso dos entrevistados nesta pesquisa. Todos esses aspectos implicam a condição do sujeito lidar com o mundo e suas adversidades e conformam a *compreensão de si* e suas *possibilidades de ser*.

O uso de drogas e, principalmente, a perda de seus limites, que levam à dependência, é uma das formas do sujeito lidar com as situações vividas em sua história, significadas a partir de seu *projeto*, que se desdobram nas *certezas de ser* e constituem o cogito deste sujeito, e sua relação com o mundo (outros, corpo, objetos, tempo). Assim, a

intervenção com os dependentes precisa trabalhar a função da droga na vida do sujeito. Aponta-se a necessidade de intervenção junto aos familiares, já que os problemas no sociológico familiar estavam entre os aspectos mais referidos como relacionados ao abuso de substâncias e estão na base da formação do cogito e do projeto de ser dos sujeitos.

O método qualitativo, fenomenológico e existencialista, nos demonstra a importância da compreensão da realidade a partir da significação de situações singulares, que ajudam a esclarecer a universal. Estes dados qualitativos auxiliam numa melhor compreensão do fenômeno do uso abusivo e dependente de drogas e no planejamento e avaliação de métodos de intervenção no problema.

### Referências

- Bertolino, P. (2005). *Processo de temporalização psíquica*. Disponível em: [www.nuca.org.br](http://www.nuca.org.br) (consulta em 10/07/2005).
- Cardim, M. S., Azevedo, B. A. (1991). Repercussões psicossociais do alcoolismo. *J bras Psiquiatria*, 40 (7): 365-370.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 371-378.
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2):123-131.
- Rigotto, S. D.; Gomes, W. B., (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 18 n. 1: 095-106.
- Ruiz-Olabuénaga, J. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Univ. de Deusto.
- Sartre, J-P. (1943). *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard.
- Sartre, J-P. (1960). *Critique de la Raison Dialectique* (précédé de *Question de Méthode*). Paris: Gallimard.
- Sartre, J-P. (1965). *La Transcendance de L'Ego. Esquisse d'une Description Phénoménologique*. Paris: J. Vrin,
- Sartre, J. P. (2002). *Saint Genet: Ator e Mártir*. Petrópolis: Vozes.
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: EdUFSC.
- Sipahi, F. M., Vianna, F. C. (2001). Uma análise da dependência de drogas em uma perspectiva fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*. 4 (XIX): 503-507.
- Velho, G. (2002). *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Velho, G. (2003). *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Wiklund, L. (2008). Existential aspects of living with addiction – Part I: meeting challenges, patient perspectives. *Journal of Clinical Nursing*. 17, 2426–2434.

**Palavras-chave:** História de vida; dependência de drogas; método fenomenológico, psicologia existencialista, Jean-Paul Sartre.

**P**

**S Mental**

2º Apresentador: Andres Eduardo Aguirre Antunez

**DESINTOXICAÇÃO ALCÓOLICA: RORSCHACH NO METODO FENÔMENO-ESTRUTURAL.** Andrés Eduardo Aguirre Antunez (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

Hermann Rorschach descreveu seu método das manchas de tinta e os resultados de uma experiência psicológica, que se mostrou valiosa tanto como teste de pesquisa quanto como teste de exame. O trabalho em sua totalidade possui caráter eminentemente empírico. As conclusões às quais a prova nos conduz devem ser consideradas mais como dados do que deduções teóricas. Françoise Minkowska analisou a linguagem no Rorschach e os mecanismos essenciais que se exprimem diretamente nela, no modo de visão, na triagem das respostas e no comportamento. Apresentava com fundamentos sólidos as reações contra a interpretação puramente psicanalítica ou estatística dessa prova, e analisa a reprodução do protocolo por inteiro, palavra por palavra. Observou na linguagem os recursos e as deficiências, as características qualitativas do teste, os mecanismos de *spaltung* e *lien* da estrutura da personalidade humana, para além da esquizofrenia e epilepsia, podiam ser observados em qualquer pessoa. A obra de Françoise Minkowska foi um prolongamento daquela de Rorschach. Nesse método, um caso é o suficiente para se aprofundar ao modo de ser do paciente, tal como fundamentado por Karl Jaspers e Eugène Minkowski. Na estrutura de personalidade observamos cuidadosamente os mecanismos que a compõem, singularizam e diferenciam cada sujeito. Assim, a perspectiva fenômeno-estrutural procura estabelecer uma descrição rigorosa dos fenômenos e não se posiciona no estudo de inumeráveis casos, mas na compreensão profunda de casos particulares. Seguindo esse método e orientado por Zéna Helman, Jean-Marie Barthélémy observou pacientes que entravam em uma clínica para tratamento de desintoxicação alcoólica. Entre outras provas ele aplicou o método de Rorschach e o que chamava a atenção eram as respostas típicas do polo sensorial da personalidade, muitas respostas de movimento, respostas de cor e uma percepção concreta da realidade. A visão em imagens vista em movimento mostrava a sensorialidade predominante. A surpresa ocorreu na re-aplicação da prova semanas após o tratamento e próximo da alta, onde os pacientes apresentaram uma mudança significativa na qualidade das respostas dadas. Já não apareciam as respostas de movimento. Mas sim as respostas com determinantes formais, já não apareciam as respostas com determinante cor. O que predominava eram as características formais, racionais, abstratas, geométricas e simétricas. Esses resultados nos levam a refletir sobre a percepção da realidade dos pacientes intoxicados alcoolicamente. Quando sob o uso do álcool eles se mostram sensíveis e sem o uso dele, racionais e mais rígidos. De modo que podemos levantar a hipótese que predomina na base da personalidade dos mesmos uma visão abstrata e racional do mundo e deles mesmos. Talvez o contato com a realidade seja tão difícil e insuportável que necessitam transformar essa realidade com o entorpecimento. Após o uso do álcool a realidade se torna mais colorida e movimentada, no entanto sofrem consequências bem conhecidas, como a agressividade, a intolerância e a perda da noção do outro, que tantas dificuldades geram para si e para aqueles que estão em seu entorno. Na desintoxicação alcoólica ocorreu uma mudança significativa, pacientes apresentaram-se mais racionais e formais quando desintoxicados.

Palavras-chave: Drogas – método de Rorschach – fenomenologia

P

SMENTAL

3º Apresentador: Marcelo Sodelli

**FENOMENOLOGIA E DROGAS: DESCONSTRUINDO O MODELO PROIBICIONISTA.** Marcelo Sodelli (Depto de Métodos e Técnicas; Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).



Ao examinarmos a condição humana, na perspectiva Fenomenológica-Existencial, é possível rapidamente entender por que o uso de drogas se fez presente, pelo menos até onde sabemos, desde as civilizações mais antigas, como os Fenícios (4.000 A.C.), por exemplo. Documentos antigos descrevem a produção de cerveja por meio da fermentação do pão, que continua até os dias de hoje. O presente trabalho pretende por meio do pensamento da Fenomenologia Existencial desconstruir o Modelo Proibicionista ao uso de drogas, conhecido mundialmente como “Guerra as drogas”. Ao compreender o Homem como um ser inacabado, sempre entregue ao seu próprio cuidado, o estudo caminhará na direção de demonstrar a incompatibilidade dos objetivos Proibicionista com o modo singular de ser do Homem. Na compreensão Fenomenológica Existencial, o ser humano, por sua própria constituição ontológica, se apresenta vulnerável em relação ao cuidar do seu existir. Esta vulnerabilidade, por sua vez, possibilita uma procura interminável em minimizar as disposições afetivas de angústia e de culpa. Demonstraremos que é a própria condição existencial do Homem que gera o que nomearemos como “vulnerabilidade existencial”, condição esta impossível de ser modificada. Com efeito, argumentaremos que qualquer abordagem preventiva que tenha como princípio fundamental erradicar o uso de drogas já estaria fadada ao fracasso. Depois de caracterizar o modelo proibicionista como indicativo de uma postura que dificulta ao professor integrar a função preventiva com a função educacional, o estudo elabora diretrizes para um novo modelo preventivo ao uso nocivo de drogas: a tarefa preventiva na escola é compreendida no sentido de desenvolver ações redutoras de vulnerabilidade. Fundamentando-nos ainda neste posicionamento, rejeitaremos a compreensão Proibicionista que o “uso de drogas” é sempre e invariavelmente um comportamento desviante (patologia). O estudo aponta para a importância do desenvolvimento de uma nova abordagem preventiva que absorva de modo integral a singularidade da condição humana (vulnerabilidade existencial), rompendo definitivamente com os preceitos proibicionistas, a saber, a abordagem de Redução de Danos. Assim, identificamos que a noção de vulnerabilidade, a abordagem de Redução de Danos Libertadora e a aproximação do sentido de educar ao sentido de prevenir são elementos importantes para a apropriação da tarefa preventiva na escola. Torna-se clara a importância de pensar a formação de professores para a prevenção ao uso nocivo de drogas a partir de um continuum, no sentido de formá-lo para ações educativas mais autênticas e próprias, construindo e fortalecendo uma rede cuidadora permanente entre o professor e o aluno. Por fim, este estudo sinaliza uma direção para superarmos as dificuldades na formação de professores para a tarefa preventiva ao uso nocivo de drogas; na verdade, um sentido: o do conhecimento (noção de vulnerabilidade e redução de danos libertadora), da atitude (aproximação do sentido de educar ao sentido de prevenir) e do tempo (formação inicial e continuada).

Palavras-chave: Drogas – prevenção – fenomenologia

P

SMENTAL